

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 18 do 3.º Ano

Redacção e Administração: Rua da Francisco Aguiar, 8

GUIMARÃES, 24 de Dezembro de 1925

Composição e impressão: Tipografia da Empresa de Publicidade

Rua do Maia -- FAFE

1925

BOAS-FESTAS

1926

A todos os nossos presados assinantes, illustres colaboradores e dedicados amigos, desejamos Boas-Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

ARRANHADURAS...

Mais burlões

DIZEM-NOS que, aproveitando a precipitação e o medo de alguns possuidores de notas de 500\$00, se tem feito negociatas de mão cheia. Individuos sem escrúpulos tem comprado ao patêgo notas de 500\$00 por 200\$00, 300\$00, etc. Ora, sempre gostaríamos que nos dissessem em que diabo estes burlões da *ajdeia* diferem dos da cidade. Que raio quererá um paiz assim? E, se calhar, são estes burlões e outros que tais os que mais gritam contra a imoralidade do «Angola e Metropole».

Que pena que tenhamos a pena de morte só para cães danados!

Moralidade

NESTA «reisada» de estrídes e tartufos a tripudiar em a sombra duma dubia moralidade é para notar o arreganho de certo jornal que, além de lançar suspeitas sobre creaturas até hoje impolutas, ameaça o proprio governo de dizer tudo, acaso este não faça como deve no caso das notas de 500 escudos.

Se esse jornal fôsse honesto não esperaria por mais nada para pôr cá fóra o que sabe. Pois, não é esta a verdade? Que espera ele, porque não disse ainda tudo? Quais os seus intuitos ao dizer que ainda não deitou a ultima girandola? E' isto moral, é isto justiça? E a policia que espera para chamar a depôr os que dirigem o órgão? Nada de contemplos neste crime de lesa-Pátria. Punam-se os que delinqüiram e tambem os que a sombra de facto tão grave vão fazendo a ignóbil campanha dos seus interesses ou das suas vinganças. Se o jornal em questão pôde esclarecer a justiça, qual o motivo porque não o faz?

Sempre a vil exploração, sempre a vil farça destes cretinós que teimam em julgar-se na terra do beócios.

SENSO MORAL



Um individuo a quem falte o senso moral é um escabracho, um perigo que devemos combater por todos os modos; mas, quando esse individuo é dotado de intelligencia, isto é, quando a sua intelligencia está acima do normal, maior é o perigo, maior o dano que pôde causar, e, por isso, mais tenazmente o devemos combater. A falta de senso moral gera o criminoso.

Ora, se analizarmos bem os crimes que entre nós, e não só entre nós, infelizmente, se veem dando, hemos de reconhecer que a sua causa está precisamente na ausencia desse senso moral. A venalidade, o latrocínio, a traição, a sedução, a calunia, etc., etc., todo esse estendal de miserias morais que se vão tornando o pão nosso de cada dia ai tem sua origem primaria. Portanto, combater a falta de senso moral é dever de todos nós, de todos aqueles que em boa conta tem ainda a sua dignidade, o seu bem-estar, o bem-estar social.

Será isto o que se vem fazendo? Talvez, entre outros; entre nós é que não.

Veem estas considerações a proposito do escandalo a que os jornaes amplamente se tem referido, o caso Angola e Metropole. Nunca, que eu saiba, na nossa terra se foi tão longe em malvadez. Nunca eu julguei que a perversão moral chegasse a produzir uma tal monstruosidade. Pois, bem. O que é que nós temos visto na severa e, até esse ponto, justa critica feita aos burlões? Aquela imparcialidade e austeridade que convem, que é timbre de censors? Aquela prudencia e espirito de justiça que convem a juizes? Não. Nada disso se nota. Em geral, o que vemos, é a mais categorica demonstração de que tanto nos censors como nos criminosos se dá a pernicioso ausencia de senso moral. E vejamos. Que tem feito a imprensa na sua maioria? Certamente a seu bel-prazer e em conformidade com os seus interesses politicos a estupenda burla. Mas, não contente com isto, que já é sintomatico, mete-se a adivinhar e atirá para o meio do alvoroço popular com insinuações malévolas e suspeições criminosas. E não é só no caso em questão que a nossa imprensa, em geral, repito, tem falseado a sua função social. De longe veem as queixas e ha quem diga até em letra redonda que alguns dos seus órgãos são venais. E dizer-se que é esta o melhor meio de que podiamos dispôr para o combate aos falhados, a corrupção que por ai campeia... Desorientadora, nociva, é que a sua acção tem sido. Mas, adiante. É a critica particular, essa que se faz á mesa dos cafés, á esquina e em qualquer centro de cavaco? Essa então é tudo o que ha de mais venenoso e nojento. Com que facilidade e com que deleite se repetem as insinuações da gazeta da devoção e se esmiuçam as entrelinhas e se decifram as reticencias... A suspeita toma vulto e cresce e logo um nome surge, cochichado a principio e seguir berrado, vaiado, apôs e que o lançam na corrente destruidora do *vox populi*.

Má lingua nacional, dirão os otimistas. Falta de senso moral, digo eu, que põe a mercê da paixão politica e de outras ruins paixões o caracter e a honra dos mais probos. Falha de honestidade, falha de lealdade, falha de todos os sentimentos e qualidades que levaram os naturalistas a dar ao cão um logar inferior ao do homem. *Distingue*, dirão os zoibos. Não vale a pena, digo eu.

e ARRANHADELAS

O costume

ABRIU o parlamento. Principiou a função. E não principiou mal, queremos dizer, fóra de costumes. Logo de entrada a delicadeza dos illustres pais da Patria mimoseou-nos com a portuguesissima zaragata, os doestos escaldantes e a falta de respeito á lei e á correção. A proposito e a despropósito de tudo os republicanos das várias côres *beljaram-se* com os dentes e os monarchicos esguicharam a represada bilis—há tanto tempo calados!...—contra o regimen. Foi uma festa prometedora, auspiciosa, essa da abertura do parlamento. Parece que temos de dizer deste o que já dissemos do falecido.

Roubos

ENQUANTO a companhia Reis & Bandeira, Lda., ia roubando as notas a quem as tinha e tambem a quem as não tinha, outras companhias de menos folego, mas do mesmo caracter, vão fazendo mão baixa nos porcos, galinhas e quojandas *espectarlas* do proximo. Assim é que cá no berço se descobriu uma dessas companhias que vinha fazendo verdadeira razia pelos arredores e portas da cidade. Informam-nos que estão presos os socios. A vêr vamos se desta feita tem o premio que merecem.

Lêde e propagai

“A Razão”

Dório.

S. Martins Sarmento

**e
a nossa terra**

No passado dia 9 fomos convidados a assistir a uma reunião na Sociedade Martins Sarmento e na qual se apreciaram duas propostas do illustre presidente daquela casa. Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, propostas essas que são um grande benefício para a cidade e o concelho de Guimarães.

Presidiu á reunião o Ex.^{mo} Sr. Dr. João de Almeida Junior e encontravam-se presentes os snrs. representantes da imprensa local, correspondentes e Inspector do Circulo Escolar.

O Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, depois de expôr os fins do convite, leu-nos as duas propostas que se baseram: 1.^o, conseguir uma verba, do crédito de Esc: 3000000 votado para a instrução primária, a fim de se concluírem, reparem e construírem os edificios para escolas, no concelho.

2.^o, Fazer uma representação aos poderes públicos para que se consiga tambem uma verba com o fim de reparar os chaustros da Colegiada-tanto ao abandono e que, na verdade, nos envergonham aos olhos dos visitantes.

Falou o snr. Inspector do Circulo Escolar que, agradecendo á Sociedade M. Sarmento o convite que lhe havia feito, achou muito louvavel a proposta do snr. Presidente daquela benemérita casa e informaria os snrs. directores presentes do estado de abandono em que se encontram as escolas dos concelhos, quais as que necessitam ser reparadas e tambem as freguesias em que devem ser construidos novos edificios, fundamentando assim a petição que a Sociedade vai fazer ao Ministro da Instrução Publica.

O snr. Mario Cardoso usou de novo da palavra para se referir á 2.^a proposta, e disse que esperava, da imprensa o inicio desse movimento colectivo junto dos poderes publicos.

ANUNCIAR NA

"A Razão"

**HORAS
AMARGAS**

Horas amargas de factos que vão passando e em que o nosso orgulho de portugueses rasteija no lodo, enquanto, revoltados, estremecemos de repugnancia por esses monstros que a Patria atacaram, para a perderem. Mais vis que os mais repelentes facinoras, esses criminosos da pior espécie, tornaram-se mais celebres em infamia, que Miguel de Vasconcelos.

Este mostrou-se, ao menos, tal como era. Todos o conheciam, esse vendido a quem o interesse tresmalhou a consciencia. Mas aqueles, manobrando na sombra, adaptando a seus fins occultos, a imprudencia de muitos, foram maiores, muito maiores ainda em baixeza de sentimentos.

Ninguém mais do que nós adora esta malfadada terra. Ninguém a deseja mais dignificada e livre.

Mas ninguém mais do que nós ama tambem a verdade.

Não discutamos precipitadamente, sem a serenidade própria de seres que pensam. Não observemos apressadamente e com simplicidade, questões que, pondo a descoberto traidores e bandidos, podem muito bem abranger homens honestos, victimas tão sómente de sua boa-fé e da sua sinceridade e que foram levados, quem sabe, se pelo desejo de serem uteis á nação.

Sejamos lias, porque jámais, a lialdade feriu quem quer que fosse. Deixemos que dos apontados á ira popular, alguns em quem acreditavamos, se defendam. E então, se não explicarem a sua ação, se não puderem desmentir as acusações provando inoportunamente a sua inocência, então deixemo-los entregues ao poder da Lei, que esta saberá aplicar o correctivo que nós exigiremos que seja violento e cruel até.

Este caso do «Angola a Metropole», inédito nos annais da burla e desvergonha, unico na História da traição e da ignominia, absolutamente novo na forma de interessar figuras de muito ou pouco revêlo, mas em todo o caso de responsabilidades, obriga ao lançamento do labéu de desonra, sobre quem até hoje era considerado, pelo menos, intangivel no sentimento da Pátria. Esperemos pois e ouçamos da boca daqueles que amarramos aos postes da infamia e da suspeita, a sua delêsa. Ouçamo-la, é claro,

se fôr nobre e alevantada e sem subtilezas, isto é, se for inargumentavel.

O que devemos pedir agora? Luz e Justiça!

Uma vez feita aquela, postas ás claras as virtudes de uns e a infamia da maioria, deslaçada a emaranhada teia que perfidos teceram na mira do gôso, contemplando em extase o ouro criminoso e falso, o ouro roubado com que pretendiam afogar um Povo e exterminar uma Raça, que surja enfim justiça forte e inexoravel, justiça, em suma, que imponha castigo severo por merecido, o qual é de na consciencia dos portugueses, como exemplo, pelo andar de dezenas de anos.

Xerxes.

**ASILO DE
SANTA
ESTEFANIA**

Durante o tempo que as Asiladas estiveram a banhos de mar em Villa do Conde dispensaram auxilios e ofereceram donativos os Ex.^{mos} Snrs:

Condes de Margaride, alem do pagamento da renda da casa — 1.200.000 reis — e jantar ás Aziladas apôz a chegada a Vila do Conde, dispenderam mais 294.300 com mercadorias e lenha; 400.000 com transporte de bagagens em 2 carros de bois—ida e volta de Guimarães e Vila do Conde—; 51.000 de bilhetes de comboio até á trofa; 350.000 de aluguer de 2 char a bancs, da Trofa a Vila do Conde e regresso; 141.000 d'utensilos e outras despesas, e 500.000 para ajudar do pagamento dos banhos de mar,— Total 2.936.300

Ofereceram generos no valor 491.500 reis: D. Maria da Conceição Fernandes Cardoso; dr. Ernesto de Vasconcelos e esposa, D. João de Portugal. Directora do Colegio de Vila do Conde, D. Helena Cardoso de Menezes, D. Maria Rangel, D. Maria Mendia de Serpa Pimentel e D. Olin-da Alzira Martins de Mesquita Correia.

Ofereceram donativos: Luiz Margaride, de Lisboa, 50.000; Luiz Cardoso Martins de Menezes (Margaride, 100.000.

Durante o mez de Outubro findo ofereceram donativos os ex.^{mos} snrs.:

Delegado do Governo, do Fundo da Assistencia, 150\$000; Baroneza de Pom-

beiro, 2 alqueires de batata; Um grupo d'amigos do falecido dr. Alberto Martins Fernandes, para as Asyladas assistirem a uma missa que foi celebrada na capela do cemiterio em sufragio da sua alma, 20\$000;

Um sacerdote celebrou gratuitamente uma missa por alma d'um bemfeitor; D. Emilia Ferreira Leite, 1 alqueire de feijão, P.^o Domingos da Silva Gonçalves, por alma da falecida Maria Rosa, 30\$000; D. Rosa Ribeiro Martins de Costa (Aldão), 4 alqueires batata e 10 cabos de cebola; Familia Martins Fernandes, em comemoração do 1.^o aniversario do falecimento do dr. Alberto Martins Fernandes, 50\$000. Total—250\$000.

—Em nome das asyladas, a comissão Administrativa agradece a todos os bemfeitores.

CRÓNICA SPORTIVA

**Palestra com o Ex.^{mo}
Snr. Presidente do
"Atlético Sport Club.**

—Pode V. Ex.^a informar-nos dos acontecimentos occorridos Taipas a quando do desafio entre o «Atlético» e o «Taipas»?

—Sim, senhor. Mas antes de mais nada, faça-mos um pouco de Historia sobre as relações dos dois Clubs.

Na época finda, o «Atlético» bateu-se com o team das Taipas, no campo pertencente a este; e, nesse desafio, perdeu, etendendo a varias causas que são, por certo, já do seu conhecimento e que não merece a pena abordar.

—Falta de treinos, tambem, com certeza...

—Sim. Foi um dos motivos porque o «Atlético» não venceu, como ele cumpria, embora não seja esse o mais forte.

—E essa falta...?

—E' devida não só ao facto de não possuir-ló-mos campo, como ainda a ausencia dos jogadores, quando, para se treinarem, eram convidados pelo seu capitão. O Atlético soube em todo o caso perder, porque não houve a menor nota discordante, provando-o as boas relações entre os dois Clubs existentes, até á data do ultimo desafio...

—Que se realizou...

—Em 22 do mês passado, e em que o grupo do meu Club, encontrando-se em melhor forma, bateu com relativa facilidade o seu autagonista. Um jogador das Taipas, que me dizem ser muito nervoso, desorientado talvez pela derrota que o Atlético infligia e por motivo de uma pequena falta do arbitro, teve uma crise nervosa e vá de desatar a chorar como uma criança, querendo sair do campo. Os nossos joga-

dores agarraram-se a ele, pedindo-lhe que não saísse, tentando mostrar-lhe que o desafio era tão sómente um treino, de mas receberam em troca ameaças, não obstante serem todos amigos...

—Amigos?!

—Sim senhor amigos. E tanto que esse jogador, que aliás é um bom elemento, por varias vezes tem defendido as côres do Atlético. Ora, na ocasião em que ele pretendia abandonar o jogo, e que de tal era impedido pela amizade dos nossos, alguém da assistencia rompendo pelo campo dentro, sem atenção nem cortesia alguma para com os visitantes, chicoteou com um cavalo marinho, arrancado das mãos de um seu amigo, segundo me informam, um dos jogadores do Atlético.

—Dahi...

—O esforço de uma pequena desordem, que não tomou maior vulto, devido á energica intervenção do meu particular e illustre amigo, Snr. Dr. Alfredo Fernandes.

—E ficou-se o assunto liquidado, ou antes, sanado?

—Longe disso! No regresso, um dos nossos carros foi apredejado. Ora isto não é forma de receber desportistas, nem tais atitudes são próprias de traficantes de desporto, demais, que se afirma que as pedras foram arremassadas por jogadores. Tudo o que se passou mostra bem a educação da nossa gente, que, bem portugêsa, não resiste aos primeiros impulsos. Para V. Ex.^a como redactor-desportivo de «A Razão» eu apelo, pedindo-lho que incuta no espirito de todos os desportistas vimaranenses, o culto pelo respeito e pela serenidade, para que jámais se faça nesta terra o que noutras se pratica e que só desprestigio acarreta, provando-se, de tal forma, que Guimarães continua a ser exemplar nas suas recepções. E' claro que não posso pôr de parte uma certa excitação, proveniente de paixões regionais ou simplesmente clubistas, mas a verdade é que nunca essa excitação deve atingir um grau de violencia que nada aplica.

—Mas a arbitragem foi regular, para que nada desse motivos a desurbios de tanta monta.

Tenho de ser sincero. Foi deficiente, é um facto, mas o que lhe afirmo é que foi absolutamente imparcial.

—Se houve prejuizos, então...

—Atingiram, evialentemente, os dois Clubs e não um só. Em suma, não se sabe perder! E o que quasi lhe posso garantir, é que não mais jogaremos nas Taipas pelo menos com o grupo de «foot-ball» que lá existe actualmente. Para terminar, deixe-me informá-lo de que nem todos os jogadores do Club de Craçadores merecem censuras, havendo que fazer justiça ao correcto porte do avançado centro, principalmente.

Noite de Natal

*Dilosos os que gosam a riqueza
duma boa afeição. Que na alegria
dum lindo tar, conservam, sempre acêsa,
a candeia do amor, que os alumia...*

*Felizes! junto aos seus, à sua mãe,
nesta noite de sonho e de poesia.
Outros, porém, caídos na pobreza,
tem a saudade só, por companhia...*

*Na mágoa dos seus olhos se levantam
vultos amados, cheios de ternura...
Como são lindos ainda, como encantam!*

*Nem parecem surgir da sepultura...
—Noite sagrada, em que os felizes cantam!
Mas quantos choram sua desventura!...*

Matias Lima.

Um melhoramento

Parece que entramos em maré cheia de melhoramentos e iniciativas uteis.

Lançada a Camara no caminho das realizações, dando deste modo satisfação aos desejos de todos os vimezanenses amigos da sua terra, surge-nos a seguinte iniciativa particular, querendo fazer de Guimarães a cidade que ela deve ser, com as comodidades indispensáveis e os atractivos necessários. Há muito tempo já que na nossa terra se fazia sentir a falta dum café, um lugar de reunião que merecesse tal nome. Pois, vamos tê-lo. Guimarães vai ser dotada com um autentico café ali no Toural, graças á louvavel iniciativa de alguns dos seus filhos que, desprezando velhas e poeirentas costumeiras, se resolveram a fazer obra de geito.

O «Café Oriental» que em breve abrirá as suas portas ao publico é uma magnifica sala, onde não faltam asseio e conforto, nem se fará sentir aquele cormopolitismo, que por vezes causa e irrita. A sua disposição e o estilo decorativo a que obedecem são de molde a caiar a intimidade e a boa disposição. Dizemo-lo sem reclame e cedendo apenas á excelente impressão que tivemos ao visita-lo ainda em obras, tão grato nos é registar aqui um facto para nós inteiramente inesperado. Já nos tinham falado da sua decoração; mas, o que é certo é que estavam longe de pensar que pela arte houvesse nesta terra quem fosse tão longe em respeito e sacrificio; e, quando julgavamos encontrar simples mímicas, o os dar com perfeitas reproduções da nossa arte, que ainda hoje nos assombra, ela que há tantos milhares de anos perdeu os seus cultores.

Scenas da vida e da mitologia egipcia guarnecem o interior da sala, que cremos representar a entrada de um templo do velho Egipto.

Ao fundo um belo quadro onde se veem as piramides e a «esfinge»; dos lados divindades faraós, tudo isto com uma verdade tão flagrante que julgavamos estar vendo fotografias dos famosos baixos-relievos das cidades mortas dos subditos de Osiris. E, emfim, uma linda sala, com bom gosto e comodidades de que Guimarães se pôde orgulhar com justiça. Folgamos em poder dizê-lo e é com o maximo prazer que felicitamos os proprietarios pelo seu amor á Terra e o Ex.^{mo} Snr. Capitão Pina pela sabia direcção que soube imprimir aos trabalhos.

Oxalá que Guimarães saiba reconhecer os sacrificios e o talento aqui dispendidos e que devam redundar em beneficio de todos os vimezanenses.

(Retardada por falta de espaço).

BANCO DE PORTUGAL

A Agencia do Banco de Portugal em Guimarães, torna publico que entram em circulação as novas notas de mil escudos, chapa 2.

A Vida

*Inverno: Chuva. Pela estrada vinha,
Desde a cabeça aos pés toda molhada,
Uma mulher com uma criancinha
Que já começa a vida desgraçada!...*

*Que tristeza no aspecto que ela tinha,
Cheia de fome, suja, esfarrapada!
Lembrou-me, ao vê-la assim, que uma Rainha
Só para o gôso nasce destinada.*

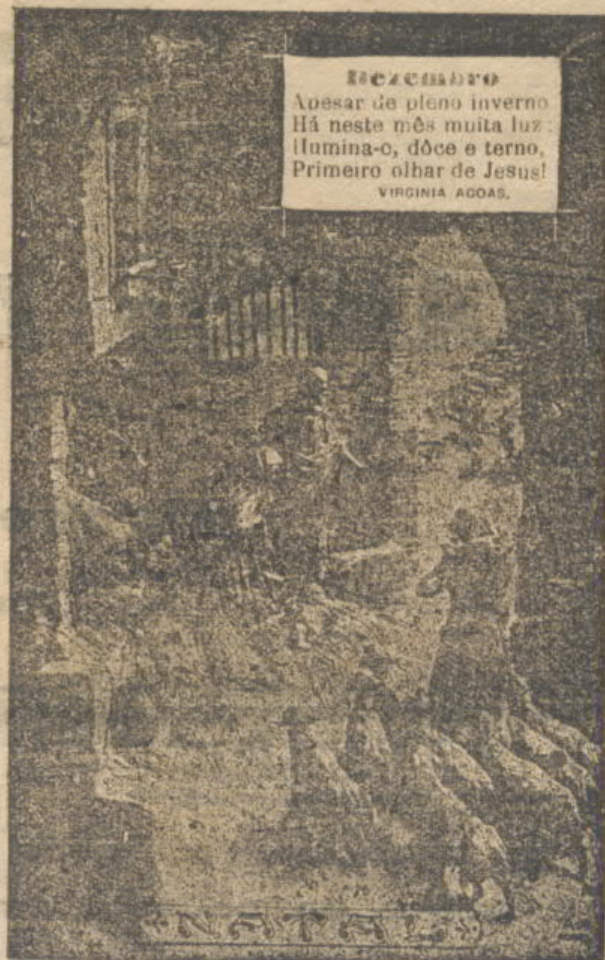
*Em «cima» a vida é como um sonho lindo.
Oiro por tudo! Em tudo refulgindo,
Todo o esplendor que da riquêsa vem.*

*Em «baixo» só caminhos d'amargura
Por onde vão os Párias da ventura,
Como esta criança ao lado desta mãe.*

José Augusto de Castro



O culinário
atrapalhado...



RECEBIDO
Apesar de pleno inverno
Há neste mês muita luz.
Ilumina-o, doce e terno,
Primeiro olhar de Jesus!
VIRGINIA AGOAS.

“O Tripeiro”

ciãs portucaleiras.

Em comemoração da data gloriosa do 1.º de Dezembro, de 1640, recebemos um suplemento a «O Tripeiro» repositório de notí-

Agradecemos muito re-
conhecidos.

OS AGENTES
Heitor S. Campos
Antão de Lencastre.

Lêde,

Propagai e anunciai
na

“A Razão”

FAFE HOTEL CENTRAL (vulgo da Felismina)

Fabricao especial de Pão de Ló e dôces finos
Pão de milho de superior qualidade

Unico depositário em Guimarães: **Casa Barbosa** Rua da Republica (Feira do Leite)

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES
DE

Manuel Jesus de Souza

17, Praça de D. Afonso Henriques, 20

Grande stok de especialidades farmaceuticas

Ferragens, Cutelarias e Pentes
DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça de D. Afonso Henriques, 39 - (Toural)

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

GUIMARÃES

V. Ex.^o precisa comprar um serviço
.. para jantar, chá ou lavatório? ..

Recomenda-se a

: Antiga Louçaria Rezende :

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 -- PORTO

UNIÃO INDUSTRIAL

Armazem de cabedais, Ferragens, Cutelarias,
Pentes e artigos da industria vimaranense

Oliveira, Castro & C.^a, L.^{da}

Fábrica Manual de Calçado

GUIMARÃES

A RAZÃO

3.^o ANO

N.º 18

Redacção e Administração: Rua de Francisco Agra, 8 -- GUIMARÃES

Ao Ex.^{mo} Snr.